

# V SEMINÁRIO DE PRÁTICA DE PESQUISA EM PSICOLOGIA

ISSN: 2317-0018

Universidade Estadual de Maringá

18 a 19 de Fevereiro de 2016

## **PRAZER E FELICIDADE: UMA DISCUSSÃO EPICURISTA DO COMPORTAMENTALISMO RADICAL**

Thais Tiemi Tamura (Programa de Iniciação Científica, Departamento de Psicologia, Universidade Estadual de Maringá, Maringá-PR, Brasil); Carolina Laurenti (Laboratório de Filosofia e Metodologia da Psicologia, Departamento de Psicologia, Universidade Estadual de Maringá, Maringá-PR, Brasil).

contato: thaistamura@gmail.com

**Palavras-chave:** Hedonismo. Epicurismo. Comportamentalismo radical. Sensibilidade.

Epicuro (341-270 a.C) discorre a respeito da felicidade no âmbito da ética. A ética epicurista é caracterizada por ser um hedonismo (CHAUI, 2010). Nesse sentido, Epicuro (2002) identifica o prazer como o bem primeiro e inerente ao ser humano; em razão dele, praticam-se todas as escolhas e recusas. Emblematicamente, Epicuro (2002) afirma que “o prazer é o início e o fim de uma vida feliz” (p. 37). Skinner (1904-1990), precursor da análise do comportamento, também discutiu a questão da felicidade em seu sistema ético. Mas, a felicidade para Skinner, tal como em Epicuro, pode ser considerada como sinônimo de prazer? Essa indagação recai em um impasse. Existem interpretações hedonistas acerca do papel dos reforçadores na filosofia skinneriana. Abib (2007) pauta-se na análise da teoria do reforço de Skinner e no conceito de sensibilidade, e suas diferenciações, para argumentar em prol dessa interpretação hedônica do reforçamento. Por outro lado, Skinner (1987), ao analisar a sociedade ocidental, parece por em xeque o papel do prazer na felicidade. Ele afirma que a despeito da disponibilidade de eventos prazerosos no mundo ocidental, as pessoas estão infelizes. Assim, o prazer não parece ser o início e o fim de uma vida feliz, como afirmava Epicuro.

Diante deste conflito, esta pesquisa, de natureza conceitual, objetivou discutir o alcance de uma interpretação epicurista da felicidade na filosofia de Skinner. Por meio do método de análise conceitual-estrutural, proposto por Laurenti e Lopes (2010), foram analisados textos de Epicuro relevantes para a efetivação da primeira etapa da pesquisa: “felicidade e prazer na filosofia de Epicuro”. Com respeito à segunda etapa, “o conceito de felicidade na filosofia de Skinner”, foi utilizado o procedimento de elaboração de tabelas a fim de compilar e analisar o material bibliográfico referente a Skinner. Na terceira etapa, intitulada “felicidade em Epicuro e Skinner”, foi elaborado um intertexto, embasado pelas etapas anteriores, identificando afinidades e distanciamentos entre Epicuro e Skinner a respeito da felicidade.

A felicidade é algo primordial no epicurismo. O filósofo afirma que quando ela está presente, tem-se tudo; e quando ela não está, faz-se de tudo para alcançá-la. Epicuro caracteriza

## V SEMINÁRIO DE PRÁTICA DE PESQUISA EM PSICOLOGIA

ISSN: 2317-0018

Universidade Estadual de Maringá

18 a 19 de Fevereiro de 2016

uma ‘vida feliz’ como a saúde do corpo e a tranquilidade do espírito. Desse modo, prazer, saúde do corpo e tranquilidade do espírito são indissociáveis na composição da felicidade na filosofia de Epicuro. Além disso, Epicuro (2002) ressalta a importância de distinguir os diferentes desejos para direcionar escolhas e recusas visando à vida feliz. Epicuro (2002) elenca três tipos de desejos: os naturais e necessários, os naturais, mas não necessários e os inúteis. A satisfação dos desejos naturais e necessários é primordial para a felicidade, uma vez que quando sanados, eles mantêm a saúde do corpo. Já os desejos naturais, mas não necessários são aqueles que “diversificam o prazer sem remover o padecimento.” (EPICURO, 2010, p. 47). Trata-se, por exemplo, dos desejos pelas comidas elaboradas, vinhos caros. Por fim, os desejos inúteis são os desejos difíceis de conseguir: títulos, homenagens a si mesmo. Pode-se afirmar que os desejos não naturais e não necessários são incompatíveis com a noção de felicidade epicurista: ao almejar tais desejos, o indivíduo faz de tudo para realizá-los; e, caso consiga satisfazê-los, fará de tudo para mantê-los.

O prazer eleito por Epicuro como fim último não é o prazer intemperante ou advindo do gozo dos sentidos, mas, um prazer que é “ausência de sofrimentos físicos e de perturbações da alma.” (EPICURO, 2002, p. 43). Epicuro (2002) afirma que se chega ao prazer puro “escolhendo todo bem de acordo com a distinção entre prazer e dor.” (p. 37). Tal distinção deve considerar que embora nenhum prazer seja um mal em si mesmo, não se escolhe qualquer prazer. É preciso ponderar as consequências benéficas ou maléficas advindas desses prazeres. Há situações nas quais se evitam vários prazeres, caso deles derivarem-se consequências prejudiciais; ao mesmo tempo, existem ocasiões nas quais os sofrimentos são preferíveis aos prazeres, desde que um prazer maior advenha depois de suportar essas dores. Desse modo, nem todo prazer, mesmo que seja um bem por sua própria natureza, deve ser escolhido; assim como nem toda dor, mesmo sendo um mal, deve sempre ser evitada.

A filosofia epicurista visa esclarecer mitos e crenças que acarretam em sofrimentos desnecessários, desconstruir as ficções que geram medos e dependências. Nesse aspecto, o epicurismo deseja um ser humano autárquico, não mais à mercê das vontades divinas, nem dos desejos inúteis. Epicuro desdenha a crença de que os deuses são responsáveis pela vida dos seres humanos, defende a materialidade e finitude do corpo e da alma, destaca a importância de se viver o presente sem negar o futuro, mas, tê-lo como incerto, e aceitar que o passado não se pode mudar. Desse modo, Epicuro desconstrói os apoios metafísicos que sustentariam uma felicidade extraterrena, calcada no futuro ou nostálgica. Epicuro traz, assim, a felicidade para este mundo, para esta vida, para o presente. Concernente a isso, pode-se afirmar que a felicidade é a escolha

## V SEMINÁRIO DE PRÁTICA DE PESQUISA EM PSICOLOGIA

ISSN: 2317-0018

Universidade Estadual de Maringá

18 a 19 de Fevereiro de 2016

calculada dos desejos naturais e necessários, é a satisfação dos prazeres que trazem a satisfação do corpo e a serenidade do espírito, nesta vida.

A análise do comportamento volta-se para o campo do comportamento operante que, por sua vez, é explicado pelas contingências de reforçamento. Esse conceito especifica a inter-relação entre “(1) a ocasião na qual uma resposta ocorre; (2) a própria resposta e (3) as consequências reforçadoras.” (SKINNER, 1969, p. 7). As contingências de reforçamento pressupõem um corpo sensível, isto é, um corpo que seja afetado pelas consequências das ações. Nesse entendimento, a sensibilidade dos organismos é algo primordial para esclarecer essa relação. Skinner (1984) afirma a existência de uma sensibilidade evoluída, que foi condição para o processo de condicionamento operante. Nessa lógica, pode-se considerar a existência de uma sensibilidade primeva (ABIB, 2007). Ela pode ser entendida como a capacidade geral do organismo de responder a estímulos (ABIB, 2007). Essa capacidade é primordial para a sobrevivência do organismo, pois, organismos capazes de evitar consequências nocivas ou que consigam se aproximar de elementos nutritivos, provavelmente, sobreviverão. Desse modo, é possível afirmar que a sensibilidade primeva é atrelada ao processo de seleção natural.

Ao que diz respeito à sensibilidade evoluída, pode-se afirmar que ela é atrelada ao valor reforçador das consequências (ABIB, 2007). O reforçamento operante tem, ao menos, dois efeitos: o prazeroso e o fortalecedor. Skinner (1987) alega que o efeito prazeroso e o efeito fortalecedor do reforçamento ocorrem em tempos diferentes e são sentidos de modos distintos. Pode-se afirmar que o efeito prazeroso ocorre de modo contíguo à consequência do comportamento e é efêmero. O efeito fortalecedor, por sua vez, é relacionado com o aumento da probabilidade de uma ação semelhante à reforçada ocorrer novamente. Assim, ele está vinculado à construção de operantes, isto é, de tendências estáveis de agir; por isso, diferente do prazeroso, o efeito fortalecedor do reforçamento é mais tardio e duradouro.

O mundo ocidental, à primeira vista, parece ser um ambiente favorável para uma vida feliz, uma vez que muitos dos que vivem no ocidente desfrutam de um grau razoável de abundância de recursos, governos democráticos, liberdade e segurança (SKINNER, 1987). No entanto, apesar desses privilégios, as pessoas estão infelizes. Nas palavras de Skinner (1987): “[...] muitas estão entediadas, apáticas ou depressivas. Elas não estão desfrutando suas vidas. Elas não gostam do que estão fazendo; elas não estão fazendo o que gostariam de fazer.” (p. 15). Uma possível explicação para esses relatos de infelicidade é que o ocidente tem promovido práticas culturais que favorecem o efeito prazeroso em prejuízo do efeito fortalecedor do reforçamento. Há diversas coisas que são

## V SEMINÁRIO DE PRÁTICA DE PESQUISA EM PSICOLOGIA

ISSN: 2317-0018

Universidade Estadual de Maringá

18 a 19 de Fevereiro de 2016

consideradas interessantes, bonitas, deliciosas, excitantes ou divertidas. O efeito prazeroso ocorre, quando, por exemplo, se aprecia uma pintura, na diversão dos jogos, na degustação de comidas; mas apenas uma pequena amostra desses comportamentos é fortalecida (SKINNER, 1987). Desse modo, o efeito prazeroso apartado do efeito fortalecedor torna os repertórios comportamentais cada vez mais fracos.

Uma concepção de felicidade atrelada apenas ao efeito prazeroso do reforçamento pode ser ameaçadora. Práticas culturais que promovem necessidade por novas coisas corroboram com a busca pelo efeito prazeroso advindo de sua aquisição. Entretanto, vale repetir, o efeito prazeroso é efêmero. Assim, o interesse por essas novidades tende a cessar rapidamente. Essa lógica de ‘buscar a felicidade’ tem acarretado diversas perturbações para os indivíduos, bem como ameaçado o futuro do planeta, haja vista o consumismo, a poluição, o esgotamento e devastação dos recursos naturais. Em contrapartida, Skinner (1987) parece adotar uma concepção de felicidade que é esclarecida em termos de operantes efetivos: “o que está errado com a vida do ocidente não é que ela tenha muitos reforçadores, mas que os reforçadores não são contingentes aos tipos de comportamento que sustentam o indivíduo ou promovem a sobrevivência da cultura ou das espécies” (SKINNER, 1987, p. 24). Isso não significa que Skinner exclui, necessariamente, o efeito prazeroso de sua concepção de felicidade. Pelo contrário, Skinner (1969) destaca a importância dos comportamentos de lazer, que são fonte de prazer: “entretanto, a cultura é claramente fortalecida quando os membros se voltam para outros tipos de comportamentos de lazer. Artes, artesanatos e jogos desenvolvem habilidades importantes.” (p. 70). Nesse sentido, Skinner (1987) parece defender a construção de repertórios que incluam tanto o efeito prazeroso quanto o fortalecedor.

Outro elemento a ser considerado em uma concepção skinneriana da felicidade é o enfrentamento de situações aversivas. Segundo Skinner (1987), quando comparado a outros lugares do mundo, o ocidente é o local em que as pessoas mais podem desfrutar de segurança e acesso a bens materiais. Contudo, os indivíduos estão se tornando cada vez mais dependentes dos confortos fornecidos pelo desenvolvimento da tecnologia. Diante disso, tem-se constatado uma crescente intolerância a situações de desprazer: “fugimos não só de extremos dolorosos de temperatura e trabalho exaustivo, mas também dos mais brandos desconfortos e incômodos.” (SKINNER, 1987, p. 21). Skinner (1987) critica a intolerância a todo e qualquer tipo de situação desconfortável, por menores que sejam. Isso porque há um aspecto fortalecedor no enfrentamento de situações aversivas: “as consequências fortalecedoras do reforçamento negativo, que apreciamos como alívio, têm se perdido.” (SKINNER, 1987, p. 21). Além disso, é preciso considerar que os comportamentos

# V SEMINÁRIO DE PRÁTICA DE PESQUISA EM PSICOLOGIA

ISSN: 2317-0018

Universidade Estadual de Maringá

18 a 19 de Fevereiro de 2016

controlados pelo efeito prazeroso podem, ocasionalmente, gerar consequências aversivas postergadas. Em outros termos, “o que é chamado de reforçadores positivos condicionados podem, muitas vezes, ser utilizados com resultados aversivos adiados.” (SKINNER, 2002, p. 38).

O prazer na filosofia epicurista é condição para a felicidade, uma vez que ele é o início e o fim de uma vida feliz (EPICURO, 2002). Contudo, a concepção de prazer adotada por Epicuro não é o gozo irrestrito dos sentidos. Longe disso, Epicuro (2002), embasado pelo conhecimento da lógica dos desejos, propõe um cálculo dos prazeres. Isto é, nem todo prazer deve ser escolhido do mesmo modo que nem toda a dor deve ser evitada. Avaliam-se os benefícios ou malefícios advindos da escolha ou recusa do prazer e desprazer. Assim como Epicuro, Skinner parece afirmar que nem todo reforçador positivo deve ser escolhido, tal como nem todo evento aversivo deve ser evitado, pois devem ser consideradas as consequências em longo prazo dos comportamentos. Nesse aspecto, Skinner parece se aproximar da concepção de felicidade epicurista. O cálculo dos prazeres e o equilíbrio entre os efeitos prazeroso e fortalecedor do reforçamento podem ser uma alternativa a alguns dos problemas citados que ameaçam as espécies, o indivíduo e a cultura. Além disso, a discussão da felicidade e do prazer, tanto no comportamentalismo radical, quanto no epicurismo, traz a possibilidade de se viver bem, viver melhor *esta vida*.

## Referências

ABIB, J. A. D. **Comportamento e sensibilidade**: vida, prazer e ética. Santo André, SP: ESETec Editores Associados, 2007.

CHAUI, M. Epicuro e o jardim. In: \_\_\_\_\_. **Introdução à história da filosofia**: as escolas helenísticas, volume II. São Paulo: Companhia das Letras, 2010. cap. 2, p. 70-111.

EPICURO. **Carta sobre a felicidade**: a Meneceu. Tradução e apresentação de Álvaro Lorencini e Enzo Del Carratore. São Paulo: Editora UNESP, 2002.

EPICURO. **Máximas principais**. Tradução e apresentação de João Quartim de Moraes. São Paulo: Edições Loyola, 2010.

LAURENTI, C.; LOPES, C. E. **Método de análise conceitual-estrutural**. Maringá: UEM/DPI, 2010. 3 p. [Texto não publicado elaborado para fins didáticos].

SKINNER, B. F. The evolution of behavior. **Journal of The Experimental Analysis of Behavior**, v. 41, n. 2, p. 217-221, 1984.

SKINNER, B. F. **Beyond freedom and dignity**. Indianapolis: Hackett Publishing Company, Inc., 2002.

SKINNER, B. F. **Contingencies of reinforcement**: a theoretical analysis. New York: Meredith Corporation, 1969.

SKINNER, B. F. What is wrong with daily life in the western world? In: \_\_\_\_\_. **Upon further the reflection**. New Jersey: Prentice-Hall inc., 1987. cap. 2, p. 15-31.